

AS FUNÇÕES DO DISCURSO EPIDÍTICO NA POLÍTICA E A IMAGEM DE SI:
ANÁLISE DO DISCURSO DA CERIMÔNIA DE POSSE DE MARCELO DÉDAMárcia Regina Curado Pereira MARIANO¹

RESUMO: Para Gumbrecht (2003), o discurso epidítico é também pragmático, ou seja, direciona para a ação. Desse modo, suas funções imediatas transcendem as de louvar ou censurar algo ou alguém. A partir da proposta do autor e de pressupostos da argumentação e da retórica, como os de Aristóteles (2011) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), retomamos, neste artigo, o discurso da cerimônia de posse do ex-governador sergipano Marcelo Déda, com o objetivo de refletir sobre as funções do gênero epidítico na sua relação com o *éthos* nesse discurso em particular. A partir da análise, percebemos que o sentido de festa enquanto comemoração e harmonia entre os participantes não existe na política, na medida em que os pontos de vista e os interesses são múltiplos e, muitas vezes, contrários. Nesse cenário, o *éthos* do orador assume um papel importante para garantir a adesão a determinados valores em nome de uma pretensa unanimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Discurso político. Discurso epidítico. *Éthos*. Retórica.

THE FUNCTIONS OF EPIDITICAL DISCOURSE IN POLICY AND THE SELF-IMAGE:
ANALYSIS OF MARCELO DÉDA'S SPEECH IN HIS POSSESSION CEREMONY

ABSTRACT: According to Gumbrecht (2003), the epideictic discourse is also pragmatic, that is, it directs to action and, therefore, its immediate functions transcend those of praising or censoring something or someone. Based on the author's proposal and assumptions of argumentation and rhetoric, such as those of Aristotle (2011) and Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), this article resumes the nomination speech of former Sergipe's governor Marcelo Déda and aims to reflect on the functions of the epideictic genre in its relation to *ethos* in this particular discourse. From this analysis, it realizes that the sense of ceremonial as celebration and harmony between the participants does not exist in politics, since the points of view and interests are multiple and often contrary. In this scenario, the

1 Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP, com pós-doutoramento (em andamento) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Atualmente é Professora-Adjunta do Departamento de Letras de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, e docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na mesma instituição. Endereço eletrônico: <ma.rcpmariano@gmail.com>.

speaker's *ethos* plays an important role in ensuring adherence to certain values in the name of an alleged unanimity.

KEYWORDS: Argumentation. Political speech. Epideictic discourse. *Ethos*. Rhetoric.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu do diálogo entre duas pesquisas realizadas para diferentes fins: da exposição oral feita no Seminário do GERAR (Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação, coordenado pela Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca), em 09/09/2019, na FFLCH-USP, e de resultados preliminares da pesquisa de pós-doutorado, iniciada no mesmo mês e ano, sob a supervisão externa do Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira, da PUC-SP.

Naquela nossa exposição, a partir das leituras sugeridas aos participantes para o Seminário, os capítulos I e IV da obra *As funções da Retórica Parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*, de Hans Ulrich Grumbrecht (2003), e da proposta do encontro – relacionar os estudos do teórico-literário e pensador às novas perspectivas dos estudos retóricos –, analisamos as funções do gênero epidítico no discurso de posse do segundo mandato do ex-governador sergipano Marcelo Déda. Dentre os resultados dessa análise, chamou-nos a atenção a relevância persuasiva da (re)afirmação do *éthos* no discurso do orador, que não pode, por limites de tempo de apresentação, ser aprofundada na ocasião.

Já na primeira etapa do desenvolvimento de nossa pesquisa de estágio pós-doutoral, um levantamento feito no *Catálogo de Teses e Dissertações* da CAPES² apontou um total de 255 trabalhos, desenvolvidos ao longo dos anos 2016, 2017 e 2018, que trazem o termo “*éthos*” em seus títulos ou palavras-chave. Dessa totalidade, de acordo com o nosso objetivo, fizemos um recorte de 50% (128) dos trabalhos encontrados, sendo que apenas 89 estavam

² Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 02 set. 2019.

disponibilizados por completo e puderam ser devidamente analisados. Destes, um número considerável (14) tinha como objeto de estudo o discurso político, em diferentes gêneros, comprovando que a política é um terreno fértil para a argumentação, a retórica, e, mais especificamente, para a construção do *éthos*.

Unindo essas duas pesquisas, chegamos à proposta deste artigo, que é analisar as funções do discurso epidítico – aquele proferido em festas, comemorações e homenagens – no campo da política, na sua relação com a construção da imagem discursiva do orador, o *éthos*, no discurso da cerimônia de posse do ex-governador sergipano Marcelo Déda. Partimos, ainda, dos seguintes questionamentos: como o *éthos* tem sido analisado em discursos políticos? Quais são as funções do discurso epidítico? Qual a importância do *éthos* nos discursos epidíticos políticos? Qual a relação entre o *éthos* e as funções do discurso epidítico?

Para responder a essas questões, retomamos, neste artigo, dois trabalhos encontrados no levantamento inicial do pós-doutorado; em seguida, destacamos a natureza e as características do discurso epidítico de acordo com Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Reboul (2000); discutimos as funções do discurso epidítico, conforme Gumbrecht (2003), e apresentamos uma análise do discurso de posse do ex-governador sergipano Marcelo Déda em seu segundo mandato, iniciado em 2011.

Marcelo Déda foi um político sergipano nascido em 1960 e falecido em 2013. Filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores), assumiu cargos importantes pelo/no Estado, como o de deputado estadual em 1986; deputado federal em 1994; prefeito de Aracaju em 2000 e 2004; governador de Sergipe em 2006 e 2010, sendo este último mandato interrompido por sua morte precoce em razão de um câncer, o que causou grande comoção nacional.

A proposta de analisar o discurso de posse de 2011 de Déda veio da percepção de sua importância para o povo de Sergipe até os dias atuais. Dono de uma eloquência e de um

carisma reconhecidos até por seus adversários políticos, sua eficácia retórica alcançava pessoas de diferentes idades, classes sociais e posicionamentos. Vivenciando a comoção do povo sergipano por ocasião da morte do ex-governador e a admiração por ele nutrida, a análise desse seu discurso de posse está presente há anos em nossas aulas de retórica na graduação, servindo como exemplo da presença dos gêneros oratórios deliberativo e judiciário em textos predominantemente epidícticos. Embora esse fato possa ser visto também na análise aqui apresentada, nosso desafio presente é estabelecer a relação entre o *éthos* e as funções desse discurso epidíctico escolhido, de acordo com nosso objetivo já exposto.

ÉTHOS E POLÍTICA: NOVAS CONTRIBUIÇÕES

A concepção de *éthos* por nós privilegiada é a de Aristóteles (2011). Segundo o filósofo, os meios de persuasão são três: a imagem construída de si pelo orador, ligada ao caráter por ele mostrado no discurso, o *éthos*; as emoções e paixões despertadas no auditório pelo orador, o *páthos*; e o próprio discurso em si, naquilo que demonstra pela argumentação, o *lógos*. Destes, o primeiro é considerado pelo estagirita como “o mais eficiente meio de persuasão de que dispõe” o orador (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). Diz ainda que o orador, para suscitar a confiança do auditório, deve demonstrar prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eúnoia*) (ARISTÓTELES, 2011, p. 122), ou seja, “os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios e *razoáveis*, (b) se argumentam *honestamente e sinceramente*, e (c) se são *solidários e amáveis* com seus ouvintes.” (EGGS, 2013, p. 32, grifos do autor). Enquanto a *phrónesis* está relacionada ao *lógos*, a *areté* faz parte do *éthos* e a *eúnoia*, por sua vez, demonstra a preocupação com o *páthos*.

Nos estudos contemporâneos neorretóricos e discursivos, a noção de *éthos* tem sido retomada sob diferentes olhares, a partir da valorização dos aspectos sócio-históricos que

envolvem o discurso, das instâncias de enunciação e do efeito de sentido de identificação com o auditório, por exemplo. Em nossa análise, consideramos também a noção de *éthos* prévio, de Ruth Amossy (2013), que chama a atenção para o fato de que o auditório constrói uma imagem do orador mesmo antes que ele tome a palavra, baseado em discursos e conhecimentos anteriores, como sobre o gênero discursivo que será utilizado por esse orador, a situação da enunciação, sua profissão, origem, idade etc. Por outro lado, aceitamos também aqui que o termo possa se referir não apenas ao orador, mas também a pessoas, instituições, grupos, cujas imagens são construídas por ele e podem levar a uma identificação junto ao auditório (MEYER, 2007; FERREIRA, 2010). No nosso ponto de vista, tais alargamentos da noção (dentre outros) não invalidam a concepção aristotélica, mas a complementam, podendo auxiliar na análise dos discursos contemporâneos. Em comum, tais abordagens mantêm o que nos parece crucial para a apreensão do *éthos*: o que vale é o *éthos* construído na enunciação, pelo modo de dizer.

Nesta seção, a partir dos resultados parciais de nossa pesquisa de pós-doutorado, retomamos dois trabalhos encontrados integralmente no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com o intuito de refletir sobre a importância dos estudos do *éthos* para a compreensão dos acontecimentos políticos e de divulgar suas contribuições aos estudos do *éthos* em discursos políticos ou relacionados à política. Com esse intuito, destacaremos as abordagens teóricas sobre o *éthos* que os fundamentam e alguns de seus resultados.

Durante o desenvolvimento da primeira etapa de nosso projeto, um dado, particularmente, nos chamou a atenção: dos 14 trabalhos relacionados explicitamente a essa temática, 9 deles exploraram o período compreendido entre a campanha eleitoral para presidente do Brasil de 2014 até o pós-impeachment de Dilma Rousseff. Carreon (2018), por exemplo, destacou a campanha eleitoral ocorrida no segundo semestre de 2013, mais especificamente o 2º turno das eleições presidenciais de 2014. A pesquisadora chama a

atenção para as mudanças nas práticas sociais e discursivas com o advento e a popularização da Internet, e para o fato de mesmo as campanhas eleitorais ganharem novas características em textos multimodais nas redes sociais.

Partindo dos estudos discursivos, principalmente os de Maingueneau (2004, 2011, dentre outros), e semiolinguísticos de Charaudeau (2008), seu objetivo é propor um estudo do *éthos* que leve em consideração tanto a linguagem verbal, quanto a não verbal, ou seja, que considere também, em suas palavras, um *éthos* semiotizado (CARREON, 2018, p. 7). Para tanto, analisa postagens dos candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves em suas páginas oficiais do Facebook e em programas eleitorais veiculados na televisão, no horário eleitoral gratuito.

Carreon (2018) evidencia que o Facebook, por ser uma rede social que expõe o indivíduo, destaca a construção das imagens de si, que são apoiadas explicitamente pelo auditório por meio de curtidas e compartilhamentos. Apesar da novidade dos gêneros digitais, a autora lembra que a noção de *éthos*, em si, sempre foi multimodal, na medida em que, baseando-se em Maingueneau (2004, 2011, dentre outros textos do autor), encerra também um tom, uma voz, uma corporalidade. Se voltarmos aos estudos aristotélicos, vemos que, em uma das partes do discurso persuasivo, na *actio*, o filósofo já previa que a persuasão dependia também do modo de apresentação do discurso pelo orador, que envolvia aspectos não verbais. Carreon (2018) destaca, pois, a contribuição de Maingueneau no aprofundamento desses aspectos em sua relação com o *éthos*, lembrando que o *éthos* aristotélico foi pensado para a análise de textos orais, e, a partir disso, propõe o *éthos* semiotizado, uma “dimensão do *éthos* discursivo”, como uma categoria de análise, buscando um diálogo com a Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006). De acordo com a autora, “[...] marcas como voz, postura e gestual também são espaço de adesão a um discurso e constituem lugar privilegiado na constituição do *éthos* do representante político [...]” (CARREON, 2018, p. 87).

Além dessas marcas, colaboram na construção do *éthos* também “a composição imagética e/ou fotográfica vinculada à materialidade do discurso.” (CARREON, 2018, p. 88).

A partir de suas reflexões, a autora sugere uma mudança no esquema de *éthos* discursivo de Maingueneau (2011): em vez de o *éthos* ser estabelecido na relação entre o *éthos* dito (pelo orador) e o *éthos* mostrado (aquele evidenciado pelo modo de dizer), encontrados na linguagem verbal, ele passaria a ser o resultado da relação entre essas três dimensões éticas: *éthos* dito + *éthos* mostrado + *éthos* semiotizado (este último, revelado pelos aspectos não-verbais). Considerando a recorrência de sentidos ligados aos candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves, Carreon (2018) chega a seis *éthes*. Para a candidata Dilma: *éthos* de amável coragem; *éthos* de acolhedora solidariedade e *éthos* de competência; para Aécio Neves: *éthos* de honestidade; *éthos* de virtude e *éthos* de competência.

O *éthos* de competência de Dilma Rousseff é analisado pela autora, dentre outros textos, em uma postagem do Facebook, em que a presidenciável e o ex-presidente Lula aparecem juntos, sorrindo, de mãos dadas e erguidas, sob um fundo de céu azul e acompanhados por pessoas, em segundo plano, segurando bandeiras de centrais sindicais. O enunciado verbal, “Nós somos aqueles que sempre acreditaram no Brasil. E que sempre acreditarão!”, é assinado pela candidata e analisado por Carreon (2018) nas três dimensões éticas por ela apontadas. Aqui, porém, destacamos sua contribuição na proposta da análise da dimensão do *éthos* semiotizado. A pesquisadora observa que “o locutor valida sua competência por meio de suas realizações, que são continuidade dos feitos de Lula e da 'garra' do povo.” (p. 163). Desse modo, a presença de Lula nas fotografias (não apenas desta postagem) colabora para a construção do *éthos* de competência da candidata Dilma Rousseff, assim como a presença do povo, nessa foto em especial. As fotografias, então, retomam a memória do governo Lula, levando à adesão seus apoiadores. A proximidade de corpos,

percebida na análise da fotografia, indica o apoio do ex-presidente à candidata, assim como o azul do céu remete ao sonho de um país melhor sob seu governo.

Já para chegar ao *éthos* de honestidade de Aécio Neves, a pesquisadora analisou, dentre outros textos, uma postagem no Facebook do candidato que trazia a seguinte frase: “Terei como companheira de viagem nesta campanha a verdade”. Para focalizar a dimensão do *éthos* semiotizado, Carreon (2018) destacou os elementos presentes na fotografia, em que o candidato cumprimenta um possível eleitor, negro, com a camiseta do Flamengo, provavelmente de uma classe social mais baixa, que está na porta de um boteco, um comércio popular. A autora mostra, em sua análise, como o plano, o enquadramento e a composição da foto buscam criar, também, o efeito de sentido de verdade: o olho no olho, a proximidade, o sorriso “sincero”. Um homem do povo, portanto, um candidato honesto. Interessante lembrarmos como essa composição semiótica é recorrente nas campanhas políticas: a exploração da paisagem e da cultura periféricas, do povo mais simples.

Lima (2018), por sua vez, aborda um dos momentos mais emblemáticos desse período: a votação pela aprovação ou não do impeachment de Dilma Rousseff, ocorrida em 17 de abril de 2016, na Câmara dos Deputados, então presidida por Eduardo Cunha. Seu objetivo foi identificar, nos discursos dos líderes partidários de oposição, um *éthos* conservador. Também, nesta pesquisa, o aporte teórico escolhido para a abordagem do *éthos* foram os trabalhos de Maingueneau (2015, 2016), numa visada discursiva do conceito, levando em consideração *éthos* dito e *éthos* mostrado, em diálogo com a Semiologia de Charaudeau (2008), especialmente com o *éthos* político e com a noção de imaginários sociais (LIMA, 2018, p. 6).

O conservadorismo, considerado como ideologia política, a partir dos estudos de Burke (2016), é observado por Lima (2018), nos discursos selecionados, por meio da análise do léxico e dos argumentos utilizados pelos parlamentares. A partir da recorrência nos discursos dos deputados, o autor determinou 20 temas que compõem a sua análise, ligados a

algumas/alguns) palavras/conceitos-chave que rondam o conservadorismo: Deus, família, moral, justiça, pátria, povo brasileiro, etc., acrescidas (os) de falácias como “para o bem da democracia” e da perseguição ao PT (Partido dos Trabalhadores). A bancada religiosa, por exemplo, segundo Lima (2018), em sua maioria, construiu seu *éthos* apenas baseada no *éthos* mostrado, fazendo alusão a Deus, pedindo sua benção, agradecendo, como se seus discursos parlamentares fossem orações religiosas. Para “defender a democracia”, por vezes alguns deputados convergiram o *éthos* dito e o *éthos* mostrado, falando de si e buscando comprovar essa imagem no modo de dizer. Outra estratégia utilizada, conforme Lima (2018), foi a de apagamento do *éthos* dito, em que o orador não fala de si, mas de Dilma Rousseff, por meio de ataques pessoais a ela ou ao seu partido.

Apesar dos temas apontarem para uma aproximação com o conservadorismo, não houve, de acordo com o pesquisador, a identificação de um conservadorismo burkeniano, já que não se falou “sobre a sociedade civil e o estado, antepassados e tradição, o papel da igreja e do exército na sociedade” (LIMA, 2018, p. 73). Os *éthos* mais encontrados pelo autor em suas análises foram o *éthos* denunciador, o desqualificador, o responsabilizador e o *éthos* de ironia. Seu trabalho evidencia um jogo de imagens em que todas elas se encaminham para um resultado, provavelmente, já tido como certo. Mostra, também, como determinados políticos não têm conhecimento histórico e teórico sobre o que dizem defender e seguir.

Tais pesquisadores revelam aspectos linguísticos e discursivos, verbais e não-verbais, que indiciam a construção de imagens discursivas responsáveis, junto a outros meios, pela persuasão de muitos brasileiros. Num momento crítico para a democracia brasileira, como o período abordado, a eficácia persuasiva produziu realidades, construiu verdades, levou a ações cujas consequências afetaram todo um país, como se vê e se sente até agora. A importância da análise desses discursos, particularmente no que tratam do *éthos*, não reside, portanto, apenas nos resultados apresentados em si, cuja validade é inquestionável, mas

também na prestação de um serviço à sociedade, pois ajudam a esclarecer como chegamos até aqui e como podemos nos atentar para não repetir determinados erros.

SOBRE O DISCURSO EPIDÍTICO: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

Aristóteles (2011) apresenta três gêneros de discurso oratório, identificados de acordo com suas finalidades ou ações; os tempos a que se referem essas ações (presente, passado, futuro); os argumentos-tipo; os valores em jogo e, principalmente, conforme a natureza do auditório e suas funções. Assim é que o discurso deliberativo (político), dirigido a assembleias públicas, tem, como finalidade, aconselhar ou desaconselhar medidas úteis ou não para o futuro de uma comunidade. O discurso judiciário (forense), por sua vez, tem como auditório o júri e baseia-se na acusação ou defesa a/de alguém, referente a um fato passado. E, finalmente, o discurso epidítico (ou demonstrativo), aqui privilegiado, que se dirige aos espectadores e se relaciona ao louvor ou à censura de alguém no tempo presente.

Neste último não compete ao auditório julgar se alguém é culpado ou inocente, ou deliberar se determinada decisão será benéfica ou não, mas, a princípio, apenas admirar ou repelir o discurso. O epidítico é, pois, o discurso das cerimônias, festas e comemorações. Ligado ao belo, ao nobre (ou a seus contrários: o feio, o vil), ao auditório cabe, portanto, avaliar sua beleza – e este é o discurso que mais se aproxima da estética dos textos literários e da arte –, elogiá-lo ou criticá-lo, “aplaudir ou ir-se embora” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, pp. 53-54). Pode-se concordar ou não com ele, sem a necessidade de agir ou tomar uma posição, mesmo que “possa ter posto em crise os valores vigentes” (FERREIRA, 2010, p. 22).

Diante das especificidades do discurso epidítico e da falta de expectativa de ação do auditório, o que caracteriza a persuasão retórica, Reboul (2000, p. 46) pergunta: “será mesmo

que o gênero epidítico faz parte da retórica, admitindo-se que esta só diz respeito aos discursos persuasivos?”. Segundo o autor, a partir da retomada do *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a persuasão desse gênero é “a longo prazo”, o qual “não dita uma escolha, mas orienta escolhas futuras”, o que “significa dizer que ele é essencialmente pedagógico” (REBOUL, 2000, p. 47).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) firmam o lugar do discurso epidítico nos estudos da argumentação ao destacarem que a persuasão não é medida pelo tempo ocorrido entre o momento da adesão e o momento da ação pretendida; dessa forma, mesmo que o discurso epidítico não suscite uma ação rápida ou subsequente à enunciação, ele pode “reforçar uma disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, pp. 55-56). Ao contrário do que acontece nos discursos deliberativo e judiciário, em que diferentes pontos de vista podem entrar em conflito na relação orador-auditório, no epidítico parece não haver espaço para a *doxa*, para o debate de ideias e a contra-argumentação, já que se caracteriza mais como um monólogo: há apenas um orador, cujos valores postos em discurso têm mais chance de serem ouvidos e reforçados (lembrando que, conforme os autores, toda argumentação é construída a partir da imagem que se faz do auditório; portanto, para obter a adesão, o elogio, os valores trazidos no discurso geralmente correspondem aos valores do auditório, que atua, desse modo, como um coenunciador, o que já caracterizaria o epidítico como um falso monólogo).

Sabemos, no entanto, da natureza dialógica da linguagem, tão bem apontada nos estudos bakhtinianos (BAKHTIN, 2003). Como nos lembra Ferreira (2010, p. 22): “O discurso, por sua vez, nunca é um acontecimento isolado: nasce em outros discursos e aponta para outros, complementa ou opõe-se a outros que o precederam e cria uma referência para surgimento daqueles que virão depois”. Dessa forma, mesmo que não abra espaço para o

confronto de diferentes pontos de vista no momento da enunciação, o discurso epidítico não foge à regra do dialogismo.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), estabelecer a comunhão com o auditório é estratégia para obter a adesão no discurso epidítico. Por essa razão, dizem eles, geralmente os valores serão os tradicionais e não os revolucionários, que podem levar a conflitos. Falam, pois, tais oradores, para um auditório universal, de modo que seu discurso seja aceito por todos, tido como verdadeiro. Sabendo que o antagonismo caracteriza os estados democráticos, será que isso se aplica aos discursos epidíticos da esfera política? Ficando claro que a finalidade do discurso epidítico, portanto, não é apenas a adesão momentânea, o elogio ou a crítica, mas ações futuras, quais são as funções dos discursos epidíticos políticos? Teriam eles todas ou algumas funções em comum?

Gumbrecht (2003), filósofo e teórico literário, propõe pensar sobre questões semelhantes e, para isso, analisa as funções (ou “opções alternativas de interpretação”, como diz) de discursos parlamentares ocorridos entre julho e setembro de 1793, por ocasião da morte do jornalista e político Jean-Paul Marat, um dos grandes nomes da Revolução Francesa. Para Gumbrecht, a Estética da Recepção e a Retórica aproximam-se, na medida em que, para ambas, as ações de linguagem dependem dos sentidos construídos na relação autor-texto-leitor.

Para o autor, o discurso epidítico é também um gênero pragmático, assim como o deliberativo e o judiciário. Por mais que, à primeira vista, não pareça direcionar para ações, ele direciona. Esse direcionamento, no entanto, não depende apenas do orador e do texto, mas dos sentidos dos textos, que se constroem na relação entre: a) o que é intencionado pelo autor e o que é realizado pelo leitor na recepção do texto; e b) as funções dos textos, definidas como “o efeito da sua recepção nas ações e no comportamento dos receptores” (GUMBRECHT, 2003, p. 19). Em resumo, não haveria uma função pré-definida para os textos, incluindo os epidíticos, na medida em que os sentidos não dependem apenas da intenção do

autor. Dessa forma, como a recepção pode ser diferente para diferentes leitores/ouvintes, pode desencadear ações e comportamentos diversos, que caracterizam as funções dos textos.

Para essa construção de sentidos dos textos, convergem, ainda, tanto a situação comunicativa, o momento da enunciação, quanto os aspectos sócio-históricos neles envolvidos, o que podemos relacionar ao contexto retórico: Quem fala? Para quem fala? Quando fala? De onde fala? Por que fala? O que pretende modificar? etc. (FERREIRA, 2010). Esses aspectos enunciativos e sócio-históricos, indiciados nos textos, influenciam diretamente na sua compreensão e nas suas funções, ou “opções alternativas de interpretação”.

Nessa direção, Gumbrecht (2003) chega a algumas possíveis funções para os discursos parlamentares por ele analisados: 1. cobrar compromissos assumidos no passado, a partir da criação de uma pretensa unanimidade (o que pode ser interpretado pelo auditório como uma ameaça; é o discurso epidítico como exortação); 2. diminuir distâncias entre os sentidos intencionados pelo orador e os vivenciados pelo auditório (“o discurso epidítico, portanto, passa a ser um instrumento para impedir a polarização” (GUMBRECHT, 2003, p. 110); é o discurso epidítico como mito); 3. criar a sensação de pertencimento a um grupo, de comunhão (aqui importam tanto os protocolos linguísticos quanto os não linguísticos que caracterizam os cerimoniais, os rituais; é o discurso epidítico como cerimonial de grupo). Como possibilidades de interpretação, dependentes da recepção dos textos pelo auditório, as ações e comportamentos desejados pelo orador podem não necessariamente se realizar do modo esperado.

A análise de Gumbrecht nos mostra que, para além do elogio e da censura, e de criar disposição para ações futuras, o que nos parece indiscutível, o discurso epidítico, em sua realização, cumpre outras funções pragmáticas mais imediatas, cujas realizações dependem não apenas do orador e do texto, mas, sobretudo, da interpretação do auditório. É partindo da análise de Gumbrecht (2003) e de nossas reflexões anteriores que revisitamos o já

anunciado discurso da cerimônia de posse de Marcelo Déda, observando não apenas suas funções, mas também a relação destas com o *éthos*.

ANÁLISE DO DISCURSO DA CERIMÔNIA DE POSSE DE MARCELO DÉDA

O discurso analisado a seguir foi proferido durante a cerimônia de posse para o segundo mandato do ex-governador Marcelo Déda, no dia 01/01/2011, na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe³. Devido a sua longa extensão, selecionamos aqui alguns trechos que melhor exemplificam algumas de suas possíveis funções, baseados, principalmente, na análise de Gumbrecht (2003) e na noção de *éthos*.

Os gêneros do discurso oratório da Antiguidade devem ser vistos, hoje, sob novas perspectivas, na medida em que os estudos sobre os gêneros evoluíram, principalmente a partir do aprofundamento dos trabalhos de Bakhtin (2003). Com a dinamicidade comunicativa atual, acelerada pelo fácil acesso às mídias digitais, os gêneros se (re)inventam, modificam-se com a mesma velocidade como recebemos um *e-mail* ou uma mensagem pelo celular do outro canto do mundo. Os gêneros orais da Antiguidade abriram espaço para os gêneros escritos, e, agora, estamos diante de oralidade e escrita remodeladas pela era digital e pela multimodalidade. Ainda assim, os estudos de Aristóteles nos chamam a atenção, particularmente, para a funcionalidade dos gêneros e para a importância do auditório.

Partimos desses dois principais aspectos de definição dos gêneros oratórios para começar nossa análise. À primeira vista, no discurso epidítico, o auditório é responsável por avaliar a capacidade do orador de louvar ou censurar, de falar sobre um determinado assunto, de construir/apresentar um discurso belo. Destacamos, ainda, a importância do contexto, da situação, visto que é conhecido como o discurso das festas, comemorações, homenagens.

3 Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/discurso-de-posse-do-governador-marcelo-deda/>
Acesso em: 22 abr. 2020.

Embora o deliberativo seja também chamado de político, já que é na política que se deliberam as decisões para o futuro das sociedades – vimos exemplos desses discursos nas análises de Carreon (2018) e Lima (2018) –, o discurso de posse, na esfera política, pode ser caracterizado como um discurso predominantemente epidítico, ainda que possa contar com o uso do deliberativo e do judiciário em sua composição.

O discurso político de posse de Governo de Estado marca a ocupação do cargo de governador e é proferido em uma cerimônia institucional nas assembleias legislativas. Dirigido, inicialmente, aos políticos presentes, serve também como um agradecimento aos eleitores. A situação comunicativa pede um discurso bonito, um orador seguro e busca despertar paixões no auditório, o que evidencia a indissociabilidade entre *lógos*, *éthos* e *páthos* na busca pela adesão.

Para o eleito, seu partido, seus aliados, seus eleitores, trata-se, realmente, de uma comemoração, uma festa de vitória (embora não apenas isso, como veremos). O mesmo não acontece para os opositores, os que não venceram as eleições. Desse modo, por mais que a situação do presente, do agora, seja festiva na cerimônia de posse, há uma rivalidade, um conflito, num passado recente à enunciação. A adesão ao discurso de posse, por sua vez, pode determinar ações conjuntas futuras entre governo e oposição.

A comemoração, a cerimônia em si, exige que o discurso seja marcante, emocionante, como um bom discurso epidítico. A expressão torna-se tão importante quanto o conteúdo, e o modo de dizer valoriza a solenidade. Aqui parece não conseguirmos fugir da função do epidítico aristotélico, de modo que atribuímos a esse discurso de posse de Marcelo Déda, como uma de suas funções, a função estética, que, muito além de ser apenas estilística, é também persuasiva, como se observa, a título de exemplificação, nos seguintes fragmentos, localizados no exórdio e na peroração, dentre outros ao longo do discurso. Neles, a linguagem culta, a intertextualidade e as metáforas garantem a beleza do discurso que, juntamente aos argumentos de comparação, analogia e autoridade, buscam a adesão às ideias.

Fragmento 1: No alvorecer da civilização ocidental, quando o chamado "milagre grego" apresentava ao mundo a Filosofia, um homem chamado Heráclito, nascido em Éfeso, na Jônia, e considerado o mais importante dos filósofos pré-socráticos, pensava o mundo como expressão de mudança contínua e o movimento como realidade última e verdadeira. No decorrer das suas reflexões, Heráclito de Éfeso produziu um pensamento, dos mais conhecidos e citados, que pode assim ser exposto: "Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio: suas águas não são as mesmas e nós jamais seremos os mesmos" [...]. Hoje, retorno a esta Casa [...]. Mas, o rio em que hora (*sic*) mergulho já não é mais o mesmo [...]; já se vê, portanto, que mudou Sergipe e com ele mudamos nós. Mudanças que podem ser percebidas nas mechas brancas que dominam os cabelos, prateando com a neve do tempo o alto da minha cabeça [...].

Fragmento 2: Escreveu Fernando Pessoa, o maior dos poetas lusos depois de Camões: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". Que os meus sonhos dialoguem com o querer divino, produzindo uma obra que, edificada no terreno da história, traduza o meu amor por minha terra e sirva à causa da felicidade do meu povo.

Conforme Fiorin (2008, p. 57), "no texto com função estética, a expressão ganha relevância, pois o escritor procura não apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de tal sorte que importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz". O modo de dizer indicia o *éthos*, um *éthos* que é aqui reafirmado, já que Marcelo Déda era reconhecidamente um orador culto e eloquente, dedicado à construção de discursos bem elaborados, preocupado com a *phrónesis*, como vemos nas seguintes declarações de alguns políticos, após sua morte: "Marcelo Déda é o melhor nome que a política de Sergipe teve nos últimos 50 anos. Um talento, um orador primoroso, uma inteligência fulgurante e, sobretudo, um homem honrado, um homem de bem." (Evaldo Campos, PODE/SE)⁴; "[...] homem culto e de

4 Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/depoimento-evaldo-campos/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

personalidade admirável, era dono de um carisma e de uma eloquência cativantes e de uma força notável.⁵” (Renan Calheiros, PMDB).

Além da reafirmação do *éthos* prévio de culto e eloquente, Déda constrói nos fragmentos 1 e 2 também um *éthos* de humildade, na medida em que afirma ser agora mais experiente (os “cabelos prateados” são uma metáfora para a maturidade) do que no primeiro mandato; além disso, coloca-se pronto para servir à felicidade de seu povo. O dizer-se crente em uma força divina (“Que os meus sonhos dialoguem com o querer divino”), assim como as metáforas e a intertextualidade, podem causar o efeito de comunhão com o auditório, importante para o orador chamar a atenção e ser ouvido, que é um dos primeiros passos da argumentação, além de despertar paixões.

Por meio dos pronomes de primeira pessoa “eu” e “nós”, Déda estabelece para o auditório a diferença entre a autoavaliação (que caracteriza um discurso judiciário) e a mudança do homem (“eu carrego”, “meus cabelos”) e a evolução do grupo (“mudou Sergipe e com ele mudamos nós”), estabelecendo, já de início, qual é o valor concreto que os une: o estado de Sergipe. Com esse valor concreto, estabelece um auditório particular, o que nem sempre caracteriza os discursos epidícticos.

Para esse auditório, Marcelo Déda, ainda, dirige um discurso que busca também reforçar os compromissos assumidos com o cargo e com os eleitores durante a campanha. Se o discurso epidíctico como exortação, visto em Gumbrecht (2003), lembrava os parlamentares que chegara a hora de cumprir seus compromissos, aqui o orador utiliza o discurso epidíctico para lembrar aos outros políticos quais foram os compromissos do orador enquanto candidato, deixando claro qual será o direcionamento de seu governo, numa guinada deliberativa, na tentativa de conseguir apoio político para o cumprimento das promessas, que visam ao bem comum do valor concreto que os une. Para esse acordo, valores tidos como

5 Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2013/12/02/deda-praticava-politica-com-p-maiusculo-diz-dilma.htm>? Acesso em: 22 abr. 2020.

abstratos – saúde, segurança, educação, justiça social – direcionam o desenvolvimento do discurso, como vemos no fragmento 3:

Fragmento 3: Saúde, Segurança, Educação e Desenvolvimento Social serão políticas prioritárias no novo governo, sem prejuízo de aumentar os investimentos nas outras áreas. Melhorar a qualidade e universalizar o acesso às políticas sociais será uma obsessão do meu novo governo. [...] Pretendo dar continuidade aos avanços já conquistados na segurança pública. [...] Na Educação a meta é a qualidade. [...] Outro objetivo deste novo governo será a expansão e consolidação da rede estadual de ensino profissionalizante. [...] Na Assistência social, vista como direito do cidadão, jamais como favor do governante, pretendemos ampliar o programa mão amiga e expandir as parcerias com o governo federal em programas como o de aquisição de alimentos e a bolsa família.

Ao mesmo tempo em que retoma seus compromissos, Déda, mais uma vez, utiliza o discurso de posse para reafirmar o *éthos* de homem bom, pacífico, digno (reforçando a *areté*), além de socialista, de político de esquerda, lembrado por representantes de seu partido quando faleceu: “Segundo a presidente [Dilma], ‘[...] sua trajetória foi marcada pela dedicação em transformar para melhor a vida das pessoas, especialmente as mais humildes’”; “Déda foi um exemplo de dignidade e compromisso público na atividade política [...] sempre com sua atenção voltada aos mais pobres e ao desenvolvimento do seu Estado” (Lula)⁶. Os fragmentos 4 e 5 reforçam esses ideais:

Fragmento 4: Continuo acreditando que o Governo deve ser de todos, jamais ficando refém de interesses oligárquicos; que a ética pública é um imperativo irrenunciável; que as ações governamentais devem priorizar os mais pobres; que não há crescimento legítimo sem justiça social; que o Estado de Sergipe é viável e que o seu povo tem o direito de construir uma vida melhor e dar

⁶ Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2013/12/02/deda-praticava-politica-com-p-maiusculo-diz-dilma.htm>? Acesso em: 22 abr. 2020.

um salto de qualidade em direção a um futuro de crescimento econômico e desenvolvimento social.

Fragmento 5: Hoje, como ontem, reafirmo as minhas credenciais de militante petista, socialista e democrata, compromissado com a luta do meu povo e incendiado pela mais nobre das ideias que já frequentaram o pensamento político da humanidade: a igualdade social. Por isso, continuarei a orientar o meu governo para as diretrizes estratégicas da inclusão social, da redução das desigualdades, da erradicação da miséria, da defesa do meio ambiente, da socialização do conhecimento e da universalização dos direitos e da cidadania.

Republicano por convicção, continuarei a defender o conceito de "coisa pública", visceralmente ligado à ideia de República e a combater o sentido de "cosa nostra" que alimentou políticas socialmente perversas e eticamente condenáveis. Permanecerei afirmando o caráter laico do Estado, separando a esfera política dos dogmas religiosos e sustentando a liberdade de expressão, a liberdade religiosa e, inclusive, o direito daqueles que se afirmam ateus, agnósticos ou não seguem nenhuma religião.

A ênfase no *éthos* dito, por meio da utilização da primeira pessoa do singular em diferentes formas verbais ("continuo acreditando", "reafirmo", "continuarei a defender"), corrobora suas convicções e seus valores, projetando a continuidade de um trabalho neles baseado. Embora esteja presente uma autoexortação, pautando-nos em Gumbrecht (2003), já que Déda se lembra de seus compromissos assumidos, tais fragmentos são mais importantes para a reafirmação de seus ideais políticos e de um *éthos* socialista. Notamos ainda uma exortação implícita na proposta de diálogo de trabalho conjunto pelo bem comum (discurso epidítico como mito), baseada num acordo tácito entre parlamentares e eleitores: trabalhar para o bem da comunidade. Não se percebe nesses fragmentos, no entanto, uma ameaça, como na análise de Gumbrecht, mas um trecho judiciário claramente reprova outros posicionamentos políticos que não privilegiam o bem-estar social do povo, construindo, para políticos e partidos de oposição, um possível *éthos* negativo: são "[...] políticas socialmente perversas e eticamente condenáveis". Déda mostra, dessa forma, estar ciente das diferenças

ideológicas existentes entre os presentes (vale lembrar que a história recente do estado de Sergipe apresentava uma sequência de governos de centro e de direita, antes do primeiro mandato do petista). Apesar do discurso epidítico, optou por abordar valores não necessariamente consensuais, o que pode, nessa situação, agravar conflitos e impedi-lo de alcançar seus objetivos; provocar uma “quebra do mito do discurso epidítico”.

De acordo com Gumbrecht (2003), o discurso epidítico enquanto mito se caracteriza quando assume, também, a função de servir como instrumento para evitar a polarização entre os sentidos intencionados do orador e os vivenciados pelo auditório. Nesse sentido, a argumentação presente, implícita ou explicitamente, no discurso de Marcelo Déda, parece buscar, na maioria das vezes (e o fragmento 5 mostrou como nem sempre isso ocorre), a diminuição da tensão social por meio de uma “negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (MEYER, 2007, p. 25). À “aguerrida oposição” ele opõe/propõe uma “trégua cívica”, no fragmento 7, a seguir. Como outro recurso, a utilização da primeira pessoa do plural, *nós*, exerce também essa função, e mostra preocupação do orador com a *eúnoia*.

Fragmento 6: Quero apenas acrescentar que não considero que está tudo resolvido. Tenho consciência dos problemas que temos para enfrentar e dos avanços que precisamos promover. [...].

Fragmento 7. Aproveito este momento, para fazer um respeitoso convite à aguerrida oposição: vamos debater de forma profunda, sistêmica e programática a saúde do nosso estado. Façamos uma trégua cívica que nos permita discutir o tema sem abordagens apriorísticas nem radicalismos estéreis. Não tenho o monopólio das boas intenções. Não tenho compromisso com o erro. Estou aberto a receber sugestões e não sou imune a críticas. A única condição que imponho é que o debate se dê de forma democrática e respeitosa, sem fazer da dor alheia bandeira política, nem da morte estandarte eleitoral. Aliás, senhores deputados da ilustrada bancada da oposição, sobre este ou qualquer outro tema de interesse público, esse será sempre o meu posicionamento, seguindo a lição de Néelson Mandela: mesmo quando o choque entre nós tiver assumido a forma mais extrema, eu

gostaria que combatêssemos de acordo com os nossos princípios e ideias e sem ódio pessoal para que, no final da batalha, qualquer que seja o resultado, eu possa apertar orgulhosamente a sua mão, por sentir que lutei contra um oponente correto e valoroso que observou o código de honra e decência. [...].

Segundo Gumbrecht (2003), no discurso parlamentar, a relação entre orador e auditório oscila entre uma “relação-nós (viva) e uma relação vocês (anônima)”, e o uso dos pronomes pessoais revelam a relação orador-auditório (p. 120). Nos fragmentos acima, observa-se como o chamado para o trabalho conjunto vem por meio do uso do “nós”, afirmando um *éthos* pacífico, aberto ao diálogo e à negociação. As diferenças entre o “eu” e o “vocês” são bem marcadas, mas a coletividade é proposta no uso do “nós”; vê-se assim que “ao exprimir as suas diferenças, os homens constroem suas identidades.” (MOSCA, 2017, p. 18).

Finalmente, com Gumbrecht (2003), lembramos que “no nível extraverbal, as relações sociais podem ser estabilizadas pelos *cerimoniais*, mais exatamente, pela obediência a uma regra cerimonial [...]” (GUMBRECHT, 2003, p. 117, grifo do autor), e que “[...] as formas extraverbais do cerimonial necessitam do apoio dos discursos epidícticos, assim que a estabilização do grupo passa a fazer parte de suas funções.” (GUMBRECHT, 2003, p. 120). Desse modo, a formalidade do espaço em que ocorreu a cerimônia de posse; a etiqueta dos trajes; a presença de convidados ilustres; a postura do orador; a gestualidade – e aqui relembremos a importância da pesquisa de Carreon (2018) –; somados aos cumprimentos iniciais e finais; à utilização de pronomes de tratamento formais na referência às autoridades e ao povo (Exmo, Exma, Sr., Sra., Caríssimos) e à proposta de um valor em comum (o estado de Sergipe) colaboram para a ideia de inclusão de todos na ocasião festiva e para o sentimento de pertencimento, ou seja, para a estabilização do grupo, que é também reforçada pelo uso do “nós”.

Fragmento 8. Que Deus proteja Sergipe e abençoe os sergipanos. Vencemos e Venceremos! Viva Sergipe!

Um *éthos* pacífico, esperançoso e festivo se fortalece no cumprimento do ritual, enquanto o *éthos* religioso é dito de forma explícita, buscando a comunhão. Essa comunhão e a estabilização são indispensáveis para a adesão ao discurso, que busca apoio político no início desse novo governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esfera política caracteriza-se pela oposição de ideias; conseqüentemente, mesmo quando a situação é de festa e comemoração, seus discursos são, ao mesmo tempo, discursos e contradiscursos, na medida em que reiteram determinadas posições e refutam outras. Nesse ínterim, o bem comum assume (ou deveria assumir) o valor sobre o qual os participantes da situação comunicativa constroem suas relações e projetam as suas ações futuras. O discurso epidítico de Marcelo Déda cumpre a função estética de discurso cerimonial, mas, ao mesmo tempo, tem como funções reafirmar as promessas de campanha e seus ideais políticos; propor um diálogo pacífico com a oposição, encaixando-se numa retórica da negociação; criar uma ideia de pertencimento a um grupo; conseguir apoio para ações políticas futuras, afirmando o caráter deliberativo dos discursos políticos, mesmo quando caracterizados como epidíticos. As funções do discurso de cerimônia de posse identificadas em nossa análise evidenciam, portanto, que esse gênero oratório busca, mesmo de forma imediata, muito mais do que elogio, e que, embora não se possa (ainda) assegurar que uma das funções do discurso epidítico em geral é afirmar ou reafirmar um *éthos*, – tendo em vista que isso acontece sempre que o orador toma a palavra, independente do gênero discursivo –,

cabe destacar o papel fundamental da *imagem de si* para o alcance dos sentidos e ações intencionados pelo autor no discurso de posse analisado.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 119-143.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). *Retórica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 261-306.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução José Miguel N. Soares. São Paulo: EDIPRO, 2016.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de Teses e Dissertações*, Brasília, DF: CAPES, 2019. Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 2 set. 2019.

CARREON, Renata de Oliveira. *Comunicação política e(em) imagens de si: percursos a caminho do ethos semiotizado*. 2018. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6792723. Acesso em: 23 abr. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson F. da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

DÉDA praticava política com P maiúsculo, afirma Dilma. *BOL/UOL*, 2 fev. 2013. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2013/12/02/deda-praticava-politica-com-p-maiusculodiz-dilma.htm>. Acesso em: 23 abr. 2020.



CAMPOS, Evaldo. Depoimento. In: INSTITUTO MARCELO DÉDA, *Blog Instituto Marcelo Déda*, 15 jun. 2018. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/depoimento-evaldo-campos/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

DISCURSO de posse do governador Marcelo Déda. In: INSTITUTO MARCELO DÉDA, *Blog do Instituto Marcelo Déda*, 01 jan. 2011. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/discurso-de-posse-do-governador-marcelo-deda/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

EGGS, Ekkehard, *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 29-56.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão – princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da Retórica Parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*. Tradução Georg Otte. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

LIMA, David José Andrade. *Análise de ethos discursivo dos líderes partidários de oposição durante o impeachment de Dilma Rousseff*. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6539320. Acesso em: 23 abr. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o *ethos*. In: BARONAS, Roberto Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira. *Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. São Paulo: Pontes, 2016. pp. 13-33.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana. R.; SALGADO, Luciana. (orgs.). *Ethos discursivo*. Tradução Luciana Salgado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução: Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MEYER, Michel. *A Retórica*. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Paixões, emoções e afetividade na trilha do tempo: lugar no discurso. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia.; VIDAL, Gerardo Ramírez.; FERREIRA, Luiz António. (Orgs.). *Paixões aristotélicas*. Franca, SP: Unifran, 2017. pp. 15-29.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



Revista Metalinguagens, v. 7, n. 1, Julho de 2020, pp. 240-264
Márcia Regina Curado Pereira MARIANO

Envio: Maio de 2020
Aceite: Junho de 2020